

## *Retextualização e Reescrita no Ensino de História*

GISELLE ANTUNES COUTINHO \*

JÔNATAS ROQUE MENDES GOMES \*\*

### **Resumo**

O presente artigo foi elaborado a partir do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), por graduandos do curso de História da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, em um colégio da rede estadual de município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro. O Projeto tem como objetivo analisar as diferentes linguagens desenvolvidas e utilizadas em sala de aula, por professores e alunos. Partindo desse objetivo, no primeiro semestre de 2012, os graduandos começaram a estagiar em diferentes turmas de 9º ano, com a intenção de observar o dia a dia da sala de aula, e identificar possíveis questões que dificultassem o entendimento dos conteúdos pelos alunos. Com a observação identificamos que, um número considerável de alunos, de diversas turmas apresentavam dificuldades em desenvolver respostas escritas para as questões já trabalhadas e respondidas oralmente em sala de aula. O que evidencia algumas diferenças entre fala e escrita.

Após a identificação da problemática geral da turma, elaboramos uma atividade sobre a Segunda Guerra Mundial (conteúdo preestabelecido pelo Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro), composta por aula expositiva e apresentação de dois vídeos. Após a atividade os alunos elaboraram um texto (resumo) sobre o que entenderam da aula. A atividade de reescrita (refacção) possibilitou que os alunos reelaborassem o texto após a correção, feita pelos bolsistas e professora, levando em consideração as observações feitas na correção, o que contribui para a reflexão dos próprios alunos, em relação as suas atividades e também a possibilidades deles corrigirem suas imprecisões e melhorassem na escrita do texto.

### **Introdução**

---

\* Graduando do Curso de Licenciaturas em História e Bolsista Capes de Iniciação a Docência – UERJ/FFP.

\*\* Graduanda do Curso de Licenciaturas em História e Bolsista Capes de Iniciação a Docência – UERJ/FFP.

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise a partir das ações de licenciandos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro- Faculdade de Formação de Professores, através do Projeto PIBID ( Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência), que tem financiamento institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da própria universidade. O Projeto tem a parceria do Colégio Estadual Dr. Adino Xavier, localizado em São Gonçalo/RJ, desde o segundo semestre de 2011. O subprojeto de História tem como tema “Ensino e Aprendizagem de História como resultado da interação pela, através e na linguagem.” A partir desse projeto, as atividades realizadas foram propostas pelos licenciandos, juntamente com as professoras supervisoras (docentes do Adino Xavier).

O Subprojeto de História, do Pibid, tem como objetivo conhecer e experienciar usos de diversas linguagens no ensino e aprendizagem de História no espaço escolar por alunos além de estreitar os laços entre a universidade e as escolas. O que possibilita a atuação de licenciandos na escola e a troca de conhecimento, através de ações que levam ao colégio discussões que estão sendo debatidas na Universidade e possibilita ao licenciando vivenciar o dia-a-dia da escola, e a troca de experiência já conquistada pelo docente em seus anos de magistério.

O Projeto é formado por dezoito bolsistas licenciandos, três professoras supervisoras (que atuam no Colégio) e uma professora coordenadora. Os alunos são divididos em três grupos, e cada um fica sob responsabilidade de uma supervisora. As três professoras/supervisoras, são docentes que atuam em diferentes séries ( 6º e 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio). Dessa forma, cada subgrupo, acompanha durante um semestre algumas turmas de uma determinada série, com uma das professoras supervisoras.

As atividades e ações relatadas nesse artigo são referentes à atuação dos bolsistas nas turmas de 9º ano, no primeiro semestre de 2012, com a supervisão da professora Elisângela. As ações foram desenvolvidas com base no Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro. A proposta de atividade elaborada pelos bolsistas parte de uma “problemática”, ou seja, uma

questão, inferida pelos bolsistas e apresentada pelos alunos no decorrer das aulas; questão essa, que dificultava o entendimento do conteúdo pelos alunos.

A abordagem didático-metodológica utilizada pela professora consistia em apresentação oral, esquematização de pontos importantes no quadro, e exercício de análise de fontes. Ao participar diariamente das aulas, pudemos conhecer os alunos e suas dificuldades, que eram explicitadas, a partir de questionamentos.

## **Problemática**

A problemática observada nas turmas de 9º ano foi à dificuldade de elaborar respostas por escrito, a partir de exposições orais. No decorrer das aulas percebemos que ao corrigir as atividades a professora elaborava as respostas oralmente, junto com os alunos. Ao pedir aos alunos para escreverem a resposta em seus cadernos os alunos perguntavam: “Qual é a resposta professora?”, “Onde está a resposta?”, ou até “O que é para escrever?”. Isso evidencia a dificuldade que os alunos tinham em desenvolver respostas escritas.

Essa indagação caracteriza algumas diferenças entre a fala e a escrita. Assim como destaca Marcuschi, vivemos em um país que valoriza a escrita, mas ainda assim, falamos mais do que escrevemos, e apesar da escrita ser a área em que as escolas mais trabalham, há ainda a visão de que a escrita é difícil, por causa de sua formalidade. Para Marcuschi a fala e a escrita são maneiras diferentes de textualizar e produzir um discurso, sendo assim, não existe parâmetros linguísticos específicos. Essa relação é explicitada quando passamos para a forma escrita um discurso oral. Na fala, podemos destacar que há marcadores (como; bom; bem; então; assim...) que iniciam, mas não concluem as frases. Ao passar para forma escrita o discurso oral, muitos desses marcadores devem ser retirados e substituídos por outras palavras, mas o aluno ainda está aprendendo como fazer tais mudanças. (DIONISIO E MARCUSCHI, 2005)

Podemos citar como exemplo a atividade elaborada pela professora, em que os alunos após ouvirem a música “Canto das três raças”, responderiam algumas questões em dupla. Durante a atividade os alunos tiravam dúvidas com os professores e licenciandos, e chegaram

a reescrever as respostas, pois, conforme “tiravam dúvidas”, percebiam que podiam elaborar uma resposta mais completa. Através dessa atividade, pudemos perceber que o acompanhamento e a reescrita colaboram para um resultado mais favorável, pois os alunos reconhecem seus erros e percebem que são capazes de escrever melhor.<sup>1</sup>

Com esse pensamento em mente, discutimos em grupo algumas atividades para que, tendo detectado o problema, pudéssemos então minimizá-lo. Nessa ótica foi unanimidade entre nós a constatação dos problemas geradores da problemática supracitada, a dificuldade e de leitura e da escrita.

Assim como Marcuschi, entendemos a fala e a escrita como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais, e o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve, apesar da escrita ser um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, atualmente; sendo assim, acreditamos que a problemática apresentada pelos alunos do 9º ano são dificuldades que podem ser trabalhadas através de atividades envolvendo a fala e a escrita e do acompanhamento mais efetivo na continuidade das atividades (MARCUSCHI, 2001).

## **A atividade**

A atividade proposta se deu através de uma introdução expositiva do início da Segunda Guerra Mundial e em seguida a exibição de duas animações, que entendemos como uma boa forma de prender a atenção dos alunos e retirar deles o melhor dos raciocínios. O primeiro vídeo foi o Donald Duck (Pato Donald), produzido no período da Segunda Guerra com o objetivo de reforçar o nacionalismo estadunidense colocando o mesmo como positivo, ao contrario do alemão nazista que era apresentado de forma negativa. O segundo vídeo exibido era uma propaganda Soviética produzida em 1941, que mostra a ambição expansionista da Alemanha Nazista e a força da URSS em defender seu território com galhardia. Após a exibição dos filmes abrimos um diálogo com os alunos, pedimos a eles que levantassem pontos que consideraram relevantes acerca dos vídeos, questões e duvidas.

---

<sup>1</sup> C.E. Dr Adino Xavier em 16/04/2012. Registro escolar - Caderno de campo.

Utilizamos os filmes para estimular um pensamento crítico nos alunos, e assim como é defendido pela autora<sup>2</sup>, analisando-os como fonte histórica, considerando suas especificidades de produção, circulação, consumo e agenciamento pelos diferentes contextos de sua recepção. “O filme não deve ser visto como reflexo da sociedade que o produziu, mas resultado de uma mediação cultural orientada por diferentes sujeitos históricos.”<sup>3</sup>

Após a exibição fizemos uma discussão em que os alunos destacaram o objetivo da produção desses vídeos, quais as visões que apresentam a Alemanha ao grande público, a relação de poder, as questões sociais e econômicas. Os alunos teriam que se utilizar dos conhecimentos adquiridos durante as aulas, onde analisaram os vídeos de forma crítica, atentando para as particularidades de cada um, para que os alunos interpretassem as diferentes modalidades de texto trabalhadas e expressar suas interpretações através de debates e textos escritos. Nós bolsistas, também destacamos o poder da propaganda e a sua influência.

Por fim, os alunos elaboraram uma redação comparando os dois vídeos, tendo como base a aula expositiva, as discussões feitas e também todas as aulas ministradas pela professora.

Como se tornou evidente após a descrição da atividade nosso objetivo principal não era a reescrita da “redação”(ou texto), mas sim a sistematização da aula juntamente com os vídeos na forma escrita, que podemos denominar por *retextualização*. A partir dos resultados do objetivo inicial decidimos investir na *reescrita*, e conseqüentemente, o melhoramento dos textos pelos próprios autores, os alunos. Aprofundaremos as definições destes dois conceitos que foram de imensa importância para a realização nossa atividade e a avaliação de resultados a partir de seus usos.

### **Retextualizar e Reescrever**

---

Bolsista Capes de Iniciação a Docência – UERJ/FFP.

<sup>3</sup> C.E. Dr Adino Xavier em 16/04/2012. Registro escolar - Caderno de campo.

Na atividade proposta por nós bolsistas na sala de aula do 9º ano, objetivamos o desenvolvimento da linguagem dos alunos e a diminuição dos problemas apontados. A partir dos textos produzidos, decidimos investir na *retextualização* e na *reescrita* (refacção), a partir da premissa de que o conhecimento não é simplesmente transferido por uma aula, ou por um vídeo, em nosso caso, mas se faz por meio de um processo de construção continua por meio de reflexão, estudo e procedimentos objetivos e efetivos.

A retextualização consiste se produzir um texto, seja ele oral, escrito, fílmico, etc a partir de outra(s) modalidade(s) de texto, traduzir um texto em outra forma de texto. A retextualização não consiste apenas do oral para o escrito, por exemplo, mas o contrário também, inclusive em outras formas de texto. (MARCUSCHI, 2001)

A retextualização se caracteriza também pelo que Matencio chama de “mudança de propósito”, ou seja, quando o texto original foi feito para uma finalidade e não o auxílio na prática docente, não são vídeos paradidáticos (MATENCIO 2002 apud ANDREA; RIBEIRO, 2010:66). Por exemplo, os vídeos utilizados em nossa atividade que tinham como objetivo fazer propaganda contra a Alemanha e Justificar a entrada dos Estados Unidos e a União Soviética na Segunda Guerra Mundial e a aula expositiva (texto oral) que tinha como objetivo a compreensão e reflexão sobre o conteúdo, Segunda Guerra.

A reescrita (ou refacção) se caracteriza por se reescrever um texto fazendo melhoramentos e aperfeiçoamentos em textos escritos, é uma nova versão sem mudanças estruturais. A reescrita é feita de um texto escrito para um da mesma modalidade, apenas corrigindo imprecisões, erros ortográficos, léxicos, de concordância e de coerência, portanto não muda o propósito do texto, ele continua com o mesmo objetivo inicial. Há quatro operações possíveis na reescrita são eles *substituição*, *adição*, *supressão* e *deslocamento* de termos (FABRE, 1987 apud ANDREA; RIBEIRO, 2010:68).

A prática da reescrita em sala de aula necessita da orientação docente para se reorganizar os saberes presentes no texto, é uma ação mediadora e reflexiva. O professor precisa saber o que e para que está fazendo a correção dos trabalhos de seus alunos, ele

necessita entender seu papel. Uma correção correta ou não influirá na qualidade do texto reescrito. A reescrita se torna uma ação direcionada, no sentido em que o professor dará pistas e orientações para que o aluno reflita e reescreva seu texto. Sendo assim a correção é uma etapa de extrema relevância para a prática da reescrita.

Existem quatro tipos de correções possíveis, “a *correção resolutiva* (caracterizada pela apresentação e solução dos problemas detectados nos textos), a *correção indicativa* (que se marca pela indicação, local, dos problemas encontrados nos textos), a *correção classificatória* (em que a natureza dos problemas detectados é apontada, através de metalinguagem codificada específica) e a *correção textual-interativa* (na qual, através de recados, o professor estabelece interlocução não codificada com o aluno, discutindo problemas de diferentes níveis do texto e, por vezes, apresentando solução ou sugestão para a tarefa de reescrita do mesmo)” (RUIZ, 2001 apud ASSIS, 2006: 4).

Os quatro tipos de correção supracitados podem resultar em boas reescritas, inclusive se utilizadas juntas, contudo a *correção textual-interativa* é a que melhor atende ao objetivo de estimular o desenvolvimento da linguagem do aluno e de sua reflexão sobre sua própria escrita e por tanto este tipo de correção deve reger as outras. O professor busca nessa correção em todo momento o diálogo com o aluno, o instigando a refletir sobre o que escreveu, questionando o aluno sobre o motivo pelo qual ele escreveu tal coisa, etc abrindo assim o precedente para utilizar as outras correções na atividade. Com a prática contínua dessa correção sobre a escrita do aluno, o mesmo dependerá cada vez menos da intervenção do professor para refletir e aperfeiçoar seus próprios textos. Procuramos em todo momento privilegiar este tipo de correção em nossa atividade.

A partir desses pressupostos teóricos e a aplicação da atividade, com a exibição dos vídeos e a comparação dos mesmos por parte dos alunos, verificamos um resultado muito a quem do planejado, os textos estavam mau escritos e em grande parte era encontradas cópias, ou dos próprios alunos ou do livro didático. Verificamos, mais uma vez, a aparição da linguagem falada onde deveria haver a linguagem escrita. Um dos exemplos desse problema

pode ser bem exemplificado por uma frase de um dos alunos: “Os alemães estavam tipo querendo fazer mais guerra para depois arrumar mais dinheiro”.

A partir desse fato decidimos entregar aos alunos os mesmos textos, para que eles próprios se julgassem e lessem o que haviam escrito. Objetivamos assim, o desenvolvimento da linguagem dos alunos e a diminuição dos problemas apontados.

O exemplo mais gratificante dessa atividade foi de uma Aluna Y, que tinha um péssimo comportamento dentro de sala, notava-se uma menina com traços de uma personalidade forte, que gostava de conversa e por isso atrapalhava o entendimento dos outros alunos a sua volta e até mesmo a apresentação das aulas. Ela havia escrito um texto comparativo que deixava muito a desejar. Com erros de português, frases sem concordância e erros históricos, como podemos ver a seguir a primeira versão de seu texto.

A forma de trabalho era tipo trabalho escravo, a alimentação não era muito boa eles tinham que fazer um culto ao nazismo, não tiam(tinham) férias.

Esse tipo de trabalho se passava na Alemanha o trabalho era escravo pois le não tiam condições muito boas para trabalhar, a comida era ruim e não tinha ferias e eles sempre fazem um culto nazista eles não podiam falar mal de Hitler.(Aluna Y, versão 1)

Após a correção do texto, apontamos o que a aluna poderia melhorar em seu texto, através de apontamento que além de informar dados levassem a aluna a pensar sobre o que tinha escrito, como por exemplo a orientação dada por um bolsista, “Aluna Y, o trabalho na Alemanha não era escravo, os operários alemães trabalhavam pelo ideal ariano, que dizia que a pátria deveria ser unida por um ideal”.

Com o auxílio de uma bolsista, a aluna refez o seu texto comparativo cinco vezes e para alegria de todos foi esse o melhor entre todos da classe. O esforço dessa menina resultou no esforço mutuo de outros alunos que ao verem o seu empenho também se inseriram cada vez mais fundo na atividade. Podemos ver a melhora do texto no trecho a seguir:

A forma de trabalho dos alemães não era muito boa, mas eles trabalhavam pela ideia de que a pátria deveria ser unida, com isso eles gostavam do nazismo, pois com o poder de Hitler melhorou muito a forma de vida deles, também vemos no vídeo que a comida deles não era muito boa, (e) eles tiam(tiam) que acorda(r) cedo. .(Aluna Y, versão 5)

Comparando as duas versões do texto, pudemos notar a apropriação de novos elementos a partir da orientação do corretor do texto e a reflexão individual da aluna sobre seu próprio texto pela inserção de novos aspectos e a exclusão de imprecisões.

O exemplo que trazemos agora é o da Aluna W, que não apresentação imprecisões em seu texto original, mas sim se mostra uma cópia do livro didático, como no trecho a seguir, “Em 1925, a Alemanha republicana era governada pelo general Paul, colocou em prática o programa de recuperação econômica e fortaleceu a democracia no país”(Aluna W, versão 1).

A partir desse texto os bolsistas orientaram a aluna a fazer um texto mais autoral, a partir do que ele havia assistido nos vídeos e na aula expositiva, não se fazia necessária a cópia do livro, este ficaria apenas como um suporte de consulta ou fundamentação. Após esta orientação o texto da Aluna W ficou muito bom.

Em 1939 quando ocorreu a Segunda Guerra a União Soviética criou um vídeo com o personagem de um porco invadindo os países querendo negativar a Alemanha e querendo se engrandecer se mostrando melhor que os outros países [...] O objetivo dos dois vídeos é(era) negativar a Alemanha, sempre se mostrando um melhor que outro como são propagandas. (Aluna W, versão 2)

Na segunda versão dos textos dos alunos, pudemos perceber que conseguiram se expressar melhor não só em relação a escrita, mas também em relação aos significados e objetivos dos vídeos.

Como podemos ver na “Propaganda Soviética de 1941”, a URSS apresenta a Alemanha através da imagem de um porco que pisa nos outros países. E no texto, citado acima, a aluna consegue não só explicar que a utilização do porco para representar a Alemanha, era uma estratégia para negativar a imagem da Alemanha, mas também, mostra o objetivo que os vídeos foram produzidos e exibidos durante a Guerra.

Outro exemplo é de uma aluna, que não participava da aula, e no seu primeiro texto, não conseguiu desenvolver as ideias dos vídeos exibidos. Porém na segunda versão, percebemos que apesar dos erros de coesão, ela conseguiu expressar algumas ideias expostas nos vídeos.

“Na União Soviética em 1941, foi um país desenvolvido, com sua propaganda eles conseguiram enaltecer seu país perante as outras nações e colocando a outra nação como algo ruim. O porco é uma forma visual de perceber a invasão dos alemães. A União Soviética

(atualmente, Rússia) já estava preparada para a Guerra e arrancou a primeira derrota alemã na Guerra, liderados por Stalin. O Nazismo foi uma forma de reerguer a Alemanha, pois ela foi penalizada gravemente na Primeira Guerra. Já na segunda propaganda, lá da América, ilustrada pelo desenho do pato Donald. Mostrava a vida crítica dos operários que serviam a Hitler, e também o grande abuso de autoridade fazendo grande pressão entre eles, e também a vida precária, tendo em vista a falta de alimento.”

Como podemos perceber, há certas imprecisões no texto, porém a aluna conseguiu expressar algumas ideias, como o objetivo da URSS de se enaltecer e negatizar a imagem da Alemanha, também a forma que EUA apresenta a “realidade” vivida pelos trabalhadores na Alemanha.

## **Conclusões**

Através das atividades de retextualização e reescrita percebemos que é possível minimizar dificuldades relacionadas ao ensino de História, com atividades que, por si não tem objetivos voltados para tal disciplina. Com o decorrer das atividades, percebemos que os alunos foram demonstrando mais facilidade em escrever o que havia sido exposto oralmente.

A atividade de refacção foi importante, pois, após a correção, os alunos tiveram a oportunidade de tomar conhecimento dos erros, e refazerem o texto, onde os erros fossem reduzidos. Foi perceptível a melhor qualidade dos textos, pois além da correção, no decorrer da aula, os alunos tiveram a oportunidade de “tirar dúvidas”, com a professora, os licenciandos e com os outros colegas.

É importante destacar, que no início da atividade de refacção, os alunos não demonstraram muita vontade em ter que refazer os textos, mas conforme íamos conversando com eles, e falando da importância da reescrita, eles não só aceitaram, como se esforçaram na realização da atividade. No final, pudemos destacar que os textos estavam mais contextualizados, além de apresentar os posicionamentos ideológicos dos países de forma crítica, e não como uma verdade absoluta. Dessa forma, os objetivos traçados foram alcançados, no momento em que os alunos além de produzir textos melhores, conseguiram analisar criticamente seus próprios textos, de forma que puderam reconhecer seus erros, e buscar mecanismos que aprimorassem sua atividade.

## **Bibliografia:**

ASSIS, Juliana A. Correção de textos, reescrita e formação de professor: diálogos do/ no processo de ensino e de aprendizagem. IN: *II Simpósio Internacional sobre práticas escritas na escola: letramento e representação*. USP, São Paulo, agosto 2006. 16 p.

DIONISIO, Angela e MARCUSCHI, Luiz. *Fala e escrita*. Belo Horizonte. Autêntica, 2005.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Da fala para a escrita: a atividade de retextualização*. 2ª edição, São Paulo. Cortez, 2001. 133p.

NÓBREGA, Maria J. M. . *A reescrita e os caminhos da construção do sujeito*. Série Idéias, n. 28, São Paulo: FDE, 1997. pp. 77-108.

D'ANDREA, Carlos F. B; RIBEIRO, Ana Elisa. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: Reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. IN: *Veredas Online*, 1-2010, Juiz de Fora, 2010. pp. 64-74.